

AS TENSÕES JAPÃO-RÚSSIA SOBRE AS CONTESTADAS ILHAS DO PACÍFICO SE TRANSFORMARÃO EM GUERRA?

Por Vijay Prashad*



O porta-helicópteros japonês JS Izumo participando de manobras no Indo-Pacífico em 2019. Esta embarcação está sendo convertida em porta-aviões para operar jatos F-35 (u/Smoke_Me_When_i_Die/Reddit).

Vazamento de rascunho do documento japonês mostra mudanças surpreendentes e supostamente usa uma linguagem forte contra a Rússia.

Anualmente, o Ministério das Relações Exteriores do Japão [lança](#) um *Diplomatic Bluebook*, um guia para as visões do governo sobre o mundo. O *Kyodo News*, um reputado serviço de notícias japonês, [informou](#) que o Bluebook de 2022 terá uma linguagem forte contra a Rússia. O relatório será lançado ao público antes do final de abril, mas os repórteres da *Kyodo News* tiveram acesso ao documento vazado. O texto que a agência de notícias viu ainda não passou pela aprovação final do governo do primeiro-ministro do Japão, Fumio Kishida.

Duas mudanças surpreendentes aparecem neste rascunho. Primeiro, o Bluebook se refere ao controle russo sobre algumas ilhas ao norte de Hokkaido como uma “ocupação ilegal”. A última vez que um relatório anual usou essa frase foi em 2003. Então, o Bluebook apontou que o Japão “[renunciou ao seu direito às Ilhas Curilas](#)” no [Tratado de Paz com o Japão](#) de 1951, assinado em São Francisco (Capítulo II, Artigo 2 [c]); as ilhas eram então parte da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

No entanto, o Bluebook de 2003 [dizia](#): “Nas Quatro Ilhas do Norte, a ocupação ilegal pela União Soviética e pela Rússia continua até hoje”. O Japão chama essas “Quatro Ilhas do Norte” de Etorofu, Habomai, Kunashiri e Shikotan (a Rússia as chama de “Curilas do Sul”: respectivamente, Iturup, Khabomai, Kunashir e Shikotan).

Em segundo lugar, o Bluebook de 2006 [chamou](#) as ilhas de “inerentemente japonesas”. Esta frase não tinha sido usada desde então, mas reapareceu no rascunho de 2022. Frases como “ocupação ilegal” e “inerentemente japonês” no relatório sugerem que as tensões entre Japão e Rússia certamente irão aumentar.

SANÇÕES DO JAPÃO CONTRA A RÚSSIA

Em 24 de fevereiro de 2022, quando as forças russas entraram na Ucrânia, o ministro das Relações Exteriores do Japão, Hayashi Yoshimasa, divulgou um [comunicado](#) condenando a ação e exigindo que as forças militares russas retornassem ao seu território. No dia seguinte, o Japão, alinhado com seus parceiros do G7, [anunciou](#) medidas contra a Rússia. Estas incluíram o congelamento de ativos sediados no Japão de três bancos russos, o Bank Rossiya, o Promsvyazbank e o VEB (banco de desenvolvimento da Rússia). Pouco tempo depois, o Japão [concordou](#) com a posição da União Europeia de excluir sete grandes bancos russos (incluindo os três já sancionados pelo Japão) do sistema SWIFT. Esses quatro outros bancos são o Bank Otkritie, o Novikombank, o Sovcombank e o VTB.

Além disso, o Ministério das Finanças do Japão [disse](#) que impediria os principais bancos japoneses de fazer negócios com a maior instituição financeira da Rússia, o Sberbank. Três dos principais bancos do Japão – Mizuho Bank, MUFG e Sumitomo Mitsui Banking Corporation – têm uma [exposição](#) considerável dentro da Rússia, uma vez que forneceram financiamento de longo prazo para projetos de petróleo e gás natural; eles devem perder US\$ 4,69 bilhões, 20% dos lucros líquidos anuais esperados desses bancos.

O [Banco do Japão para Cooperação Internacional](#) do governo japonês tem grandes investimentos em campos de gás e gasodutos russos ([incluindo](#) com o fundo soberano da Rússia, o Fundo de Investimento Direto Russo). Essa exposição trará problemas para seus balanços.

A Rússia retaliou colocando o Japão em sua [lista](#) de “países hostis”, cuja equipe diplomática deve ser reduzida e cujos cidadãos terão dificuldade em obter um visto para a Rússia.

DEPENDÊNCIA ENERGÉTICA DO JAPÃO

Em 31 de março de 2022, quando seu governo prometeu sancionar os bancos russos, o primeiro-ministro japonês Kishida [disse](#) ao parlamento do Japão, a Dieta, que seu governo permaneceria envolvido com o projeto russo de gás natural e petróleo Sakhalin-2. Este projeto, disse Kishida, fornecerá ao Japão “suprimentos de GNL [gás natural liquefeito] de longo prazo, baratos e estáveis”. “É um projeto

extremamente importante em termos de nossa segurança energética”, disse ele. “Nosso plano não é desistir.”

O governo do Japão [possui](#) uma parte significativa da Sakhalin Oil and Gas Development Co. (SODECO), que construiu e gerencia os projetos Sakhalin-1 e Sakhalin-2. Quatro dos investidores da Sakhalin-2 são a Gazprom (a empresa de energia russa), a Shell, e duas empresas japonesas (Mitsubishi e Mitsui). Cerca de 60% das 9,6 milhões de toneladas de GNL produzidas pelo Sakhalin-2, localizado na Ilha Sacalina (a cerca de 50 quilômetros da costa do Japão), são [entregues](#) ao Japão. O investimento japonês nos campos de petróleo de Sakhalin-1 tinha como [objetivo](#) reduzir sua dependência de petróleo bruto no Oriente Médio (atualmente 80% do petróleo do Japão vem do Golfo).

Em dezembro passado, o Banco do Japão para Cooperação Internacional [fez parceria](#) com bancos da China (China Development Bank e Export-Import Bank of China), bem como da Rússia (Gazprom Bank, Sberbank e VEB) para financiar o Projeto Arctic LNG 2 na Península de Gydan, na Rússia, no Mar de Kara (no Oceano Ártico). Quando esta planta entrar em operação, fornecerá 19,8 milhões de toneladas de GNL, o dobro da produção atual de Sakhalin-2.

A hesitação do primeiro-ministro Kishida em se afastar das importações de energia russa requer uma explicação. O Japão importa a maior parte de sua energia de outros países além da Rússia. Em 2019, o Japão [importou](#) 88% de suas necessidades de energia, principalmente combustíveis fósseis. Esses combustíveis [vêm](#) de vários países, que incluem Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos com 58% de seu petróleo bruto, Austrália com 65% de seu carvão e Austrália e Malásia com 40% de seu gás natural liquefeito.

A Rússia é um pequeno, mas importante fornecedor de petróleo bruto (9%), carvão (8,7%) e GNL (9%). Devido à proximidade dos combustíveis da Rússia e ao [preço](#) do gás russo no mercado *spot*, o custo total da energia russa é muito menor do que o da energia dos Estados do Golfo. Se o Japão parasse de importar GNL de Sakhalin-2, suas contas subiriam imediatamente entre [US\\$ 15](#) e [US\\$ 25](#) bilhões. Essa é a razão pela qual o primeiro-ministro Kishida se recusou a interromper as importações de energia da Rússia.

Se a Rússia cessará as exportações para o Japão ou se insistirá em que o comércio seja denominado em rublos, ainda é algo a ser confirmado (até agora, a Rússia apenas [insistiu](#) que o pagamento pela forma gasosa do gás seja feito em rublos).

TENSÃO NO MAR DE OKHOTSK

Em 1956, a URSS e o Japão assinaram uma [declaração](#) que prometia resolver questões pendentes entre os dois países. A URSS concordou que entregaria duas das quatro ilhas (Habomai e Shikotan) “após a conclusão de um Tratado de Paz” entre os dois países. Nenhum tratado desse tipo foi concluído. Cada Bluebook das últimas décadas [observa](#) que essas pequenas ilhas formam “a questão mais importante nas relações Japão-Rússia”. O ex-primeiro-ministro do Japão, Shinzo

Abe, se reuniu com o presidente russo, Vladimir Putin, mais de 20 vezes, mas eles não conseguiram avançar.

Essas pequenas ilhas no Mar de Okhotsk permitem que a Rússia estenda suas águas territoriais até o Oceano Pacífico. É a partir dessas passagens que as frotas do Pacífico e do Norte da Rússia – respectivamente com sedes em Fokino e Severomorsk –, atravessam as águas cada vez mais importantes do Ártico e do norte do Pacífico (onde a Rússia convive com uma presença [crescente](#) da OTAN). A perda dessas ilhas seria uma questão não apenas de prestígio, mas também das ambições comerciais russas em suas águas do norte.

É improvável que essas ilhas atraíam os dois países para qualquer tipo de conflito além das sanções que o Japão impôs aos bancos russos. Mas estes são tempos perigosos, e é impossível adivinhar exatamente o que vem a seguir. Qualquer confronto acidental entre o Japão e a Rússia desencadearia o Artigo V do [tratado](#) de 1960 que o Japão assinou com os Estados Unidos; se isso acontecesse, seria uma catástrofe.

Este artigo foi produzido pela [Globetrotter](#).

****Vijay Prashad** é historiador, editor e jornalista indiano. É correspondente-chefe da Globetrotter, editor-chefe da LeftWord Books, diretor do Tricontinental: Institute for Social Research, e membro sênior não residente do Instituto de Estudos Financeiros de Chongyang da Universidade Renmin da China. Ele escreveu mais de 20 livros, incluindo *The Darker Nations* e *The Poorer Nations*. Seu último livro é *Washington Bullets*.*
